

O FOLHETIM

PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

ASSIGNA-SE na Rua do Hospício 85	Preço da assignatura por mez	Para a Côrte..... 1\$000 Para as Províncias... 1\$500	AS ASSIGNATURAS começam no 1.º de cada mez
--	------------------------------	--	--

A DESFORRA DE UM DEFUNTO

XL

Naquelle momento Sacco-de-Gêssó empurrou-o vivamente com o cotovello.

— Que é? que é? perguntou Didier em tom brusco.

— Acode-me uma idéa, respondeu o rapaz, e o senhor sabe que algumas vezes as tenho boas.

— Explica-te...mais avia-te!

— Não disse o senhor ha pouco ao pai Trapeira que lhe vinha offerecer dinheiro?

— Sim.

— Traz então dinheiro comsigo?

— Trago.

— Pois bem, dê-me cá um punhado!

— Que queres fazer?

— Dê-me o dinheiro... depois verá!

Estas poucas palavras tinham sido trocadas em menos tempo do que o necessario para escrevel-as.

Didier, sem [compreender o pedido, apressara-se em satisfazel-o.

Sacco-de-Gêssó fez desaparecer na algibeira uma parte do dinheiro que acabavam de entregar-lhe, e conservou apenas alguns luizes na mão.

Depois, deitando-se de barriga no assoalho, tomou novamente o seu posto de observação, e esperou alguns segundos.

— Qual é, porém, a tua idéa? perguntou ainda Didier.

— E' simples como agua, respondeu Sacco-de-Gêssó; olhe, e julgue...

Não havia acabado ainda de fallar, quando tomava delicadamente um luiz entre o indice e o polegar e o deixava cahir no meio da sala do pavimento terreo...

Os freguezes do Canequinho estavam todos naquella occasião attentos á scena que se passava, e que lhes promettia um espectáculo requintado; o ruido, porém que fez a moeda de ouro, saltando no

assoalho, esse ruido metallico e insolito, foi ferir os tympanos de alguns ouvidos subteis... algumas cabeças se levantaram e varios olhares se acenderam!

Sacco-de-Gêssó, que verificou o effeito produzido por aquella primeira prova, soltou uma risadinha de ironica satisfação e voltou-se para Didier com um movimento de legitimo orgulho.

— Então! disse meneando a cabeça; comprehende agora?

— Perfeitamente, respondeu Didier.

— E lamenta o seu dinheiro?

— Atira, atira mais, meu amigo, e terás tantas quantas quizeres...

Sacco-de-Gêssó fez um gesto de acquiescença, e estendeu a mão atravez da abertura.

Na extremidade dessa mão havia um segundo luiz... que elle deixou cahir como o primeiro.

Depois outro, e ainda um quarto, até que afinal um murmurio estranho, confuso, formado de mil cubiças, ergueu-se da sala e fez que estremecessem os tres homens que espreitavam no postigo.

Era uma verdadeira chuva de ouro, e ninguem se importou a principio com o desconhecido céu donde ella cahia...

O effeito, porém, tinha sido enorme, e bastava para justificar amplamente a esperanza concebida pelo rapaz.

Logo á segunda moeda o Jaguar estacára.

Tinha ella cahido a seus pés, e provocava-lhe o olhar com reflexos que lhe attrahiam invencivelmente a mão.

O Jaguar gostava do ouro sobre todas as cousas. Abaixou-se e apanhou a moeda.

Aquillo foi como um signal... a chuva continuava, cada qual quiz apanhar o seu quinhão; em menos de dous minutos, as filas ficaram todas rôtas, e cincoenta sicarios correram para o meio da sala.

Durante cinco minutos, enquanto durou a chuva de ouro, foi uma confusão inexprimivel, em que se cruzavam mil vociferações capazes de fazer desabar o tecto da sala.

Quando, porém, Sacco-de-Gêssó acabou de esvasiar as suas e as algibeiras de Didier, houve um momento de assustador silencio, e os bandidos que menos favorecidos tinham sido na partilha começaram a invejar o quinhão dos companheiros mais felizes.

Os olhares se aguçaram, trocaram-se as interpellações em provocações, e houve um momento em

que a luta pareceu imminente entre aquellas feras sequiosas de ouro e sangue.

Polichinello recebeu verosimilmente que a scena tomasse aquella feição, funesta a seus planos, e, sem attender ao perigo que podia correr, precipitou-se resolutamente entre os que se dispunham a ir ás mãos.

— Vocês são parvos!... clamou com voz de stentor, habituada a exercer uma certa influencia naquelles lugares... Em vez de manejarem a faca como vão fazer, os que não tiveram quinhão sufficiente na partilha subam á nascente da cascata. E' lá sómente que acharão o que procuram.

E com o dêdo apontou para a abertura, onde naquelle momento Sacco-de-Gêssô fazia caretas.

Não foi preciso mais.

Toda aquella gentilha se precipitou para a escada e foi bater á porta do gabinete do pai Trapeira.

A porta estava fechada; o que, porém, Didier não conseguira fazer, auxiliado por Sacco-de-Gêssô e pelo pai Trapeira, fizeram-n'o os vinte bandidos como por encanto.

Em um abrir e fechar de olhos, a porta voou em estilhaços e cahiu no meio do gabinete.

— Onde está o mylord? perguntaram vinte lata-gões dirigindo-se a Didier.

Preparava-se este para passar por entre os assaltantes, afim de acudir em socorro de Francina, quando o Jaguar pegou-lhe rudemente no braço.

— Não se passa sem responder, disse elle em tom feroz; tens dinheiro, precisamos d'elle.

— Juro-lhes... quiz dizer Didier.

O circulo que o envolvia apertou-se.. os semblantes tornaram-se mais carrancudos, os olhares mais ameaçadores...

Uma nuvem passou pelos olhos de Didier.

Estava, porém, escripto que a sua hora não era ainda chegada; porque, antes que as ameaças fossem seguidas de seus effeitos, tres pancadas energicas e sonoras, batidas á porta do estabelecimento, fizeram suspender toda e qualquer resolução.

— A policia! murmuraram em voz baixa alguns dos assaltantes.

Quasi instantaneamente abriram-se as fileiras, e dentro em poucos instante só ficaram em frente de Didier dous ou tres obstinados que provavelmente nada tinham, por então, que receiar da justiça.

Didier arremegou-se entre elles, passou sem difficuldade através do grupo e desceu, ou antes saltou a escada.

— Vejam isto! disse Sacco-de-Gêssô; o susto que a policia inspira aos velhacos é realmente tranquillizador para a gente honesta...

— Minha filha!... Francina!.. exclamou Didier, que estava ancioso para reunir-se a ella.

Penetrou na sala, que estava quasi vazia, e o seu olhar percorreu avidamente todos os recantos.

Nem Rougeot-Cadet, nem Polichinello alli se achavam. Não tinham esperado pela chegada da policia, e haviam fugido.

Entretanto, á intimação que fôra feita, o dono do estabelecimento tinha ido abrir a porta, e Didier ficou aterrado, virificando o desaparecimento de sua

filha e vendo Louvet entrar na sala, acompanhado por varios homens da policia.

— Ah! ah! disse o agente com malicioso sorriso, os passaros abandonaram o ninho... ao que parece estamos logrados... Sei, porém, onde os apanhar, e elles não irão longe...

Assim fallando, gyrou lentamente em torno da sala e parou um momento junto de Didier.

Este estremeceu e voltou-se para não ser reconhecido.

Louvet, porém, tinha-o já designado com o olhar a um de seus homens.

— Revistem este, disse elle, e, se quizer fazer-se valentão, conduzam-n'o para a prefeitura.

Dous dos agentes aproximaram-se de Didier e em um abrir e fechar de olhos tiraram-lhe as cartas.

Didier deixou que o fizessem; estava com medo!

Não havia a menor duvida que Louvet o tinha reconhecido perfeitamente.

E a si proprio perguntava elle, com a maior curiosidade, qual a mysteriosa razão que impedira o agente de o prender.

XLII

Didier ficára quasi sózinho na tasca, em companhia de Sacco-de-Gêssô, que procurava por todos os cantos algum indício que o puzesse na pista de Francina.

Em vão, porém, procurava. Francina tinha desaparecido, e nem os criados, nem o dono do estabelecimento puderam dar-lhe a menor informação a esse respeito,

— Nada! nada! murmurou Didier, possuido do mais sombrio desespero.

Entretanto, ao cabo de dez minutos, uma cousa estranha de passou na sala do *Canequinho*.

A' chegada de Louvet e de seus collegas, a sucia toda de velhacos que alli se achava havia fugido, e não tinham ficado senão alguns freguezes inoffensivos.

Apenas, porém, Louvet se retirou... viu-se ir apparecendo, uma por uma, as caras hediondas que pouco antes enchiam o pavimento terreo, e a grande sala readquiriu novamente a sua costumada animação.

Foi assim que se viu voltar primeiramente o Fuinha, depois o Jaguar... e afinal Rougeot-Cadet, cujo riso, ruidoso e cynico, espalhou outra vez a alegria entre os freguezes tranquillizados.

— E' verdade, disse de repente o Fuinha, erguendo os olhos para o tecto; agora que nos achamos em familia, deviamos reflectir no que se passou aqui ha pouco.

— Na chuva de ouro? perguntou Rougeot-Cadet.

— Que duvida!... talvez ainda haja mais.

Didier escutava. Ergueu elle a cabeça, e o seu olhar se cruzou com o do Jaguar.

Este ultimo fez um movimento.

— Palavra! disse um tanto sorprendido; eis um focinho que eu ainda não tinha visto.

Didier levantou-se.

— Este focinho, amigo, ficou aqui, porque tinha alguma cousa que dizer! respondeu elle.

— A mim?... perguntou o Jaguar.

— A vocês todos... a Rougeot-Cadet, ao Fuinha...

— Acaso serás tu o homem da chuva de ouro?..

— Sou eu mesmo.

— E tens ainda alguns pingos?

— Tenho-os para os enriquecer a todos.

Os velhacos prestaram ouvidos. Alguns se levantaram e fizeram roda em torno de Didier.

Rougeot-Cadet fôra o ultimo que se aproximára; apenas, porém, examinou a physionomia de Didier deixou escapar um gesto de surpresa.

— Já vi esta cara onde quer que seja! balbuciou elle procurando lembrar-se.

— Viste-a durante cinco annos, respondeu Didier

— Onde foi?

— Em Brest...

— Didier?..

— Elle proprio.

Rougeot-Cadet estendeu a mão a Didier, que apertou-a nas suas sem a menor hesitação.

Carecia daquelle homem, e não era occasião de deixar vêr o asco que elle lhe inspirava.

— Que fazes tu em Pariz? tornou Rougeot-Cadet após curta pausa.

— Não faço nada, respondeu Didier.

— Mas tens algum projecto?

— Tenho um!

— Para cuja execução careces de nós!

— Talvez.

Rougeot-Cadet pôz-se a sorrir-se.

— Pelo que vejo, estás endinheirado, proseguiu elle com significativo piscar de olhos.

— Possuo alguns milhões.

— E pôde-se apalpal-os?

— Vocês terão tanto dinheiro quanto puderem desejar.

— A quem é preciso matar?

— A ninguem.

— Nesse caso, é de graça... Falla... nós te escutamos.

Didier meneou a cabeça com desconfiança.

— Hoje não, respondeu elle... o meu plano carece ser estudado e amadurecido. Dentro em breve, porém, daqui a alguns dias... o pai Trapeira ou Sacco-de-Gêssô virão prevenil-os e marcar-lhes um encontro. Irão?

— Pódes contar com isso.

— E eis aqui as arrhas, accrescentou Didier.

Assim fallando, atirou em cima da mesa as poucas moedas de ouro que ainda lhe restavam nas algibeiras... e dirigiu-se para a porta, acompanhado por Sacco-de-Gêssô.

Ora, enquanto estes factos se passavam no estabelecimento do *Canequinho*, andou Gontran, durante parte da noite, a correr como um louco.

Sahindo do palacete, d'Orvado, voltára a agua-furtada de Polichinello, na esperança de encontrar Louvet alli.

Louvet, porém, comquanto fraco ainda, tinha par-

tido havia uma hora, e não souberam dizer-lhe para onde tinha ido.

Gontran sentiu amarga desillusão, e tornou, abatido e triste, para a praça das Victorias.

Alli, porém, não encontrou tão pouco aquelles a quem procurava.

Pôz-se a vagar ao acaso., e por um sentimento que comprehenderão todos aquelles que têm amado, foi para as bandas da rua de la Harpe que elle dirigiu os passos.

De vez em quando encaminhava-se para alli, e seus olhos, queimados pelas lagrimas, levantavam-se com obstinação para a janella de Francina.

Só pela manhã foi que elle se decidiu a recolher-se, e atirou-se á cama, vestido como estava.

Comquanto quizesse resistir ao abatimento que delle se apoderava, um quarto de hora depois seus olhos se fechavam e elle dormia em somno pesado e profundo.

Quando acordou era dia claro.

Pulou da cama e correu para a porta.

Parecia-lhe ter ouvido bater.

Abriu.

A' entrada estava um garôto, que tirou o bonet e começou a sorrir-se.

— Que desejas tu, pequeno? perguntou Gontran, que suppunha estar sonhando ainda.

— O Sr. Gontran? perguntou o garôto.

— Sou eu...

— Nesse caso, aqui está esta carta para o senhor.

Gontran tomou a carta que lhe apresentavam e abriu-a com indifferença.

Apenas, porém, deitou-lhe os olhos, soltou um grito.

A carta era de Francina.

Continha as seguintes palavras:

« Siga o pequeno que lhe entregar esta carta, e principalmente *não diga nada nem a Sacco-de-Gêssô, nem a meu pai.* »

Gontran releu varias vezes a carta sem conseguir comprehender-lhe o sentido.

Não seria uma cilada armada ao seu amor? Francina não teria sido coagida a escrever-lhe, não quereriam attrahil-o a alguma emboscada?

— Que deverei responder? perguntou o pequeno com aquelle sorriso meio sardonico, meio curioso de todo o garôto de Pariz.

Gontran teve vexame de si mesmo e fez um esforço para afastar as apprehensões que o assaltavam.

— Não tem resposta, disse com firmeza; mostra-me o caminho, eu te seguirei.

E, tendo o menino começado a descer immediatamente a escada, acompanhou-o a passo resolutivo.

Havia talvez imprudencia em não dar ouvidos assim senão á sua coragem e ao seu amor; mas Gontran achava-se intrigadissimo, e, embora tivesse de afrontar alguns perigos, estava resolvido a ir até ao fim, pois que o animava a esperanza de encontrar Francina.

Demais, esperava elle, durante o trajecto colher do seu tenro guia algum esclarecimento.

XLII

Chegado á rua, entendeu Gontran que podia encetar a conversação.

Apressou o passo, e pôz-se a caminhar ao lado do pequeno.

— Como te chamas tu? perguntou-lhe com interesse.

— Chamo-me Mauricio, respondeu o garoto.

— E quem foi que te pediu que trouxesses a carta que me entregaste?

— Oh! o senhor sabe perfeitamente quem foi, pois que me acompanha.

Gontran protestou com um gesto.

— Sem duvida... sei perfeitamente... disse; mas queria perguntar-te se foi Francina mesmo quem te entregou a carta.

— Se foi ella, não sei... ignoro-lhe o nome.

— Não te disse nada?

— Nada absolutamente.

— Emfim, não notaste cousa alguma de extraordinario na sua physionomia?

Mauricio pôz-se a rir.

— Quanto a isso, respondeu elle, notei apenas uma cousa: é que é uma excellente e bonita moça. Não é como o outro.

— O outro quem?

— Ora quem! o homem!

— Ha então um homem?

— Que duvida!

— Como se chama elle?

— Não lh'o perguntei.

— E que foi que elle te disse?

— Oh! elle não falla.

— Entretanto...

— Ah! o senhor está a fazer-me muitas perguntas. Meu caro senhor, eu não sei mais nada!... Entregaram-me uma carta, e eu trouxe-a. Pediram-me que o conduzisse, e eu o conduzo. E mais nada!

Gontran não insistiu...

Tinham descido a rua de la Harpe, tinham tomado pelo caes, alcançado a ilha de São Luiz, e seguiam em direcção á rua de Santo-Antonio.

— E' para tão longe que vamos? perguntou Gontran chegando ao caes dos Celestinos.

— Vamos para onde me disseram que o levasse, respondeu o garoto.

— Estás me parecendo muito discreto!..

— Eu faço o que me mandam fazer, meu caro senhor, e executo as recommendações que me foram feitas.

— Que recommendações?

— Disseram-me o seguinte: « Não deixarão de interrogar-te... procurarão fazer-te fallar... se, porém, queres ganhar a recompensa que te prometti, não dirás nada a ninguém.»

Gontran viu perfeitamente que não obteria cousa alguma do pequeno, e desde então seguiu-o sem solicitar-lhe mais as confidencias.

Demais, a caminhada estava proxima de seu termo. Acabavam de atrevessar a praça da Bastilha, tinham

entrado no bairro de Santo-Antonio e tomado pela rua Charonne.

Pararam no n. 20.

— E' aqui? perguntou Gontran, cujo coração pôz-se a bater á idéa de que Francina se achava a poucos passos distante d'elle, e que ia tornar a vê-la.

— E' aqui, respondeu Mauricio.

— A que andar devo subir?

— Por emquanto, se faz favor, vai esperar aqui na rua, pois a pessoa que me enviou recommendou-me que avisasse-a da sua chegada.

— Mas porque tantas precauções?

— Ora, porque?... por causa do outro!

E Mauricio afastou-se, deixando Gontran perplexo.

Quem era esse *outro* em quem a todo o momento se fallava? Em poder de que mysteriosa personagem se achava Francina? e que devia elle esperar ou temer desse protector um tanto suspeito que a tinha salvado?

Não tardou que Mauricio voltasse.

— Então? perguntou Gontran ansioso.

— Pôde acompanhar-me, respondeu o pequeno.

E conduziu Gontran por um corredor estreito e escuro, o qual terminava em uma escada alumiada unicamente de andar em andar por meio de claraboias praticadas na parede.

O menino subia os degrãos de dous a dous; Gontran quizerá transpol-os quatro a quatro.

Chegaram assim ao quinto andar.

O pequeno voltou-se então para Gontran, e indicou-lhe uma agua-furtada cuja porta estava entreaberta.

— E' alli? perguntou Gontran.

— Estão á sua espera! vá depressa! no entanto eu vou ficar de vigia, para que o *outro* não o venha surpreender.

Gontran precipitou-se para a agua-furtada, empurrou a porta, e achou-se immediatamente em presença de Francina!

Não carecemos dizer ao leitor qual foi a alegria dos dous; comprehende-se facilmente.

(Continúa no proximo numero.)